



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS

Leandra Gonçalves Faria Pontes Macedo  
DRE: 119060814

Rio de Janeiro  
Janeiro - 2023

Leandra Gonçalves Faria Pontes Macedo

**FORMAS DE ESCREVER NAS REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE  
PRELIMINAR DAS PISTAS SOBRE ENTOAÇÃO E SOBRE  
FRASEAMENTO PROSÓDICO**

Monografia apresentada à Faculdade de Letras  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro como  
parte dos requisitos necessários para a obtenção  
do grau de Licenciatura Português - Grego

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline Ponciano dos  
Santos Silvestre

Rio de Janeiro

2022.2

## AGRADECIMENTOS

Escrevi e reescrevi estes agradecimentos inúmeras vezes, pois sei que nenhuma palavra seria capaz de expressar minha gratidão por todos aqueles que fizeram parte deste processo. Fiz meu melhor...

Agradeço, a Deus, por sempre me ouvir e colocar em minha vida pessoas tão especiais.

Agradeço, mais que tudo, à minha mãe. Ela que sempre fez o melhor por suas filhas, que nunca deixou de acreditar em mim e que me inspirou e inspira todos os dias. Obrigada por estar sempre comigo, te amo além dessa vida.

À minha irmã, Ananda, que, apesar de morar longe, se fez presente todos os dias me incentivando e proporcionando, mesmo sem saber, momentos de descontração e leveza. Obrigada por ser exatamente assim!

Aos meus familiares, obrigada por sempre enxergarem o meu melhor! Vocês são a minha base e minha motivação de todos os dias.

Em especial, não poderia deixar de agradecer ao meu tio Guth, que me faz ter uma visão diferente da vida e do futuro. Minha graduação mudou muito por isso, e sou imensamente grata.

Agradeço também à minha avó Luzia, que me apresentou, desde sempre, inúmeras obras literárias e despertou em mim o carinho pela literatura.

Dedico aqui um espaço especial ao meu avô Luiz Carlos, pessoa que eu mais queria que lesse esta monografia. Não estamos mais juntos, mas nunca deixou de estar em meus pensamentos e no meu coração. Minha maior saudade e inspiração! Obrigada por me apoiar desde sempre.

Ao meu pai, hoje, guardo as boas memórias e me lembro de você com os olhos da Lelê de 5 anos. Espero que esteja orgulhoso da sua caçula...

Ao Guilherme, agradeço por, desde 2019, fazer parte da minha vida. Todo apoio, ajuda, confiança e encorajamento fizeram com que o processo fosse mais leve. E sei que tudo teria sido mais difícil sem você. Obrigada por estar sempre ao meu lado e acreditar em mim mais do que eu acredito.

A todos meus amigos, principalmente, Maria Guilhermina, Giulia, Bia e Luciana. Pessoas amadas e essenciais na minha vida. Obrigada pelas conversas e risadas, fizeram a diferença nos dias difíceis.

Aos meus amigos de pesquisa, especialmente, Vi, Fernando e Rebeca, sempre dispostos a me ajudar. Vocês foram um grande presente do final da graduação e não seria capaz sem vocês. Muito obrigada por tudo!

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aline Ponciano dos Santos Silvestre, não tenho palavras para agradecer toda a parceria dos últimos anos. Sou extremamente grata por todo companheirismo, disponibilidade e cuidado. Eu não poderia ter escolhido orientadora melhor!

À UFRJ, agradeço por me fazer enxergar que a vida é muito mais do que eu pensava. Serei eternamente grata pelos aprendizados, amizades, convivências e por toda a formação. Apesar das dificuldades, reconheço todo bem que me fez.

À mim mesma, por não desistir nos momentos difíceis, por fazer meu melhor sempre, por encarar os desafios, por sonhar e por finalizar este ciclo com grandeza. Que venham os próximos!

## RESUMO:

Neste trabalho, observa-se a utilização de pontos de interrogação não convencionais em publicações nas redes sociais e estudam-se as formas de segmentar a escrita e de traduzir a prosódia de tais publicações. A fim de entender a segmentação de postagens nas redes, têm-se como aparato teórico estudos baseados nos pressupostos da Fonologia Prosódica e da Fonologia Entoacional, os quais têm postulado sobre a relação entre o uso não convencional de vírgulas e a organização da gramática fonológica. Para isto, foram coletadas 3 postagens públicas postadas nas mídias sociais e analisadas as relações entre as segmentações na escrita, a utilização de pontos de interrogação não convencionais e os constituintes prosódicos. A hipótese é que as segmentações obedeçam a regras de constituição do domínio do Sintagma Entoacional (IP), uma vez que, de acordo com Serra (2009), este é o domínio propício para a realização e percepção de pausas na língua falada. Além disso, a utilização de pontos de interrogação não convencionais parecem refletir a intenção de traduzir, na escrita, o contorno entoacional L+H\*H%, chamado “suspensivo” ou “continuativo”, na linha do que propõe Silvestre (2018, 2021).

**Palavras - chave:** Prosódia, escrita, postagens, pausa.

## SUMÁRIO

Lista de Imagens

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO .....  | 1  |
| I ORGANIZAÇÃO DA GRAMÁTICA FONOLÓGICA E FRASEAMENTO PROSÓDICO NO PORTUGUES BRASILEIRO.....                          | 3  |
| 1.1 Fonologia Prosódica e Fonologia Entoacional.....  | 3  |
| 1.2 Construção de sintagmas entoacionais e estratégias prosódicas para sua delimitação.....                         | 5  |
| 1.3 A pausa como característica mais comum na delimitação de IPs .....  | 7  |
| II A ESCRITA E O USO NÃO CONVENCIONAL DE SEUS ELEMENTOS.....  | 8  |
| 2.1 A utilização de vírgulas não convencionais e a sensação de continuidade dos enunciados.....                     | 8  |
| 2.2 O contorno continuativo/suspensivo na literatura de base prosódica .....  | 11 |
| 2.3 A relação entre a ausência de estratégias prosódicas e o tom alto característico do contorno continuativo ..... | 13 |
| III A INTERROGAÇÃO NÃO CONVENCIONAL EM POSTAGENS NAS REDES SOCIAIS.....   | 14 |
| 3.1 Mapeamento de possíveis contextos e construções de uso e hipótese.....  | 14 |
| IV METODOLOGIA.....   | 17 |
| 4.1 O <i>corpus</i> .....   | 17 |
| 4.2 A segmentação “ideal” dos IPs dos dados recolhidos e a segmentação dos informantes.....                         | 18 |
| 4.3 Análise do <i>corpus</i> no Praat .....   | 19 |
| V RESULTADOS.....   | 22 |
| 5.1 A pausa e a delimitação dos sintagmas entoacionais.....   | 22 |
| 5.2 Os contornos melódicos verificados.....   | 24 |
| 5.3 A estratégia de foco na escrita.....  | 24 |
| VI CONSIDERAÇÕES FINAIS.....  | 25 |
| REFERÊNCIAS .....   | 27 |

## Lista de Imagens

|  |    |
|--|----|
| Fig.1:Enunciado com interrogação não convencional em postagem retirada do Instragram.....  | 15 |
| Fig.2:Enunciado com interrogação não convencional em postagem retirada do Instagram.....   | 15 |
| Fig.3: :Enunciado com interrogação não convencional em postagem retirada do Instagram..... | 15 |
| Fig. 4: Segmentação realizada pelo informante 1 do primeiro dado.....                      | 18 |
| Fig. 5: Segmentação realizada pelo informante 2 do primeiro dado.....                      | 18 |
| Fig.6: Segmentação realizada pelo informante 1 do segundo dado .....                       | 18 |
| Fig. 7 Segmentação realizada pelo informante 2 do segundo dado.....                        | 19 |
| Fig. 8 Segmentação realizada pelo informante 1 do terceiro dado.....                       | 19 |
| Fig. 9 Segmentação realizada pelo informante 2 do terceiro dado.....                       | 19 |
| Fig. 10 Análise no Praat da produção do primeiro dado feita pelo informante 1 .....        | 20 |
| Fig 11. Análise no Praat da produção do primeiro dado feita pelo informante 2.....         | 20 |
| Fig. 12 Análise no Praat da produção do segundo dado feita pelo informante 1.....          | 21 |
| Fig. 13 Análise no Praat da produção do segundo dado feita pelo informante 2.....          | 21 |
| Fig. 14 Análise no Praat da produção do terceiro dado feita pelo informante 1.....         | 21 |
| Fig. 15 Análise no Praat da produção do terceiro dado feita pelo informante 2.....         | 22 |

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema as relações entre a utilização de pontos de interrogação não convencionais em postagens na *Internet*, as segmentações na escrita e seus constituintes prosódicos. Começamos, então, por apresentar o que se entende por enunciados interrogativos. De acordo com o que a Gramática Tradicional de Rocha Lima apresenta, uma interrogação pode ser feita de duas maneiras: direta ou indiretamente. No primeiro caso, a frase iniciará com um pronome interrogativo e terminará com o sinal gráfico de ponto de interrogação; no segundo caso, será usado um verbo próprio para interrogar, tais como: perguntar, saber e indagar.

Em contrapartida, a Gramática Descritiva de Mateus et al. (2003) prevê que as frases interrogativas podem ser de dois tipos: totais e parciais. As interrogativas totais (globais, proposicionais ou de sim/não) são realizadas com o objetivo de obter uma resposta afirmativa ou negativa e não apresentam “pronomes interrogativos” (designação da gramática tradicional). E as interrogativas parciais ou de instanciação são caracterizadas pela presença dos constituintes interrogativos que marcam precisamente o foco da interrogação.

No decorrer desta monografia, almeja-se, então, descrever as pistas sobre entoação e sobre o fraseamento prosódico que permitem que enunciados como: i) “*E a minha sobrinha que está com um problema muito importante e desabafou sobre ele?*” (dado recolhido do *Instagram*, imagem 1, cf. seção 3.1) existam na língua e possam ser compreendidos, apesar de não serem previstos pela Gramática Normativa. Acredita-se também no caráter “continuativo”, característico do contorno entoacional L+H\*H%, em interrogativas de estrutura semelhante à apresentada anteriormente.

No que tange à escrita e à utilização não convencional de seus elementos, Soncin (2012), Soncin e Tenani (2016), Carvalho (2018), entre outros — fundamentados nos pressupostos da Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel, 1986) e da Fonologia Entoacional (Ladd, 2008) — têm postulado sobre a relação entre a utilização de vírgulas não convencionais e a hipossegmentação de palavras, a partir de análises relativas à escrita de aprendizes do ensino fundamental. Com base nessas pesquisas, afirma-se que há um tom levemente ascendente associado à fronteira direita do sintagma entoacional, o que caracterizaria um contorno continuativo, e que as vírgulas associadas a esses IPs (não finais) criam no leitor uma sensação de expectativa e de continuidade do enunciado.

Em relação aos parâmetros acústicos decisivos para percepção de fronteiras prosódicas, Serra (2009) se debruça sobre as relações entre os constituintes prosódicos e a percepção de rupturas na fala espontânea e na leitura, além de apreender as pistas mais comuns na delimitação de fronteiras prosódicas. Nesse sentido, os resultados da linha de pesquisa de Serra (2009) apontam alguns fatores relevantes para a percepção de fronteiras. Nos ateremos, sobretudo, a um dos preditores verificados: a presença da pausa como um dos agentes determinantes para percepção de fronteiras no *corpus* da pesquisa.

A respeito do contorno melódico continuativo, Silvestre (2018, 2021), partindo de postulações funcionalistas, realiza uma análise prosódica das variedades do desgarramento no Português Brasileiro e no Português Europeu. Em especial, nosso foco diz respeito aos dados sobre a relação entre prosódia e o desgarramento. Nesse viés, os resultados sobre o contorno melódico das orações não desgarradas do PB, que necessitavam de continuação, apresentaram o contorno melódico L+H\*L%. Tal resultado vai de encontro com a literatura da área, pois esta (Cunha 2000, Tenani 2002) cunha como “padrão continuativo” o contorno L+H\*H%, com fronteira al, como caracterizador de continuidade.

Sendo assim, para dar conta das análises relativas à escrita, à utilização não convencional de seus elementos e à sensação de continuidade dos enunciados, o presente estudo pauta-se nos trabalhos anteriores desenvolvidos por Soncin (2012), Soncin e Tenani (2016) e Carvalho (2018) e, para as análises relativas à organização da gramática fonológica e à construção dos sintagmas entoacionais (IP), vale-se da teoria da Hierarquia Prosódica. Para os desdobramentos teóricos sobre as características mais comuns na delimitação de IPs, serão levados em consideração os estudos de Serra (2009). No mais, pretendemos analisar que tipo de contorno melódico seria traduzido pelo uso não convencional do ponto de interrogação na escrita e, para isto, também lançaremos mão de estudos como os de Silvestre (2018, 2021), entre outros, sobre o chamado contorno “suspensivo” ou “continuativo” L+H\*H%.

Com base nos estudos mencionados e em dados como o apresentado em i), a presente pesquisa objetiva traduzir a prosódia de tais postagens e realizar análises que observem a que parâmetros prosódicos tais estruturas se aliam. Além disso, com esta pesquisa esperamos: (1) contribuir para descrição da realidade linguística das redes sociais no Brasil, sobretudo no que diz respeito aos estudos sobre Prosódia do PB; (2) agregar dados nos estudos sobre entoação do PB; (3) aprofundar a caracterização do contorno continuativo; (4) e comparar o comportamento prosódico das diferentes interrogativas possíveis. Para isso, o corpus utilizado nesta pesquisa provirá de publicações das redes sociais com sentenças semelhantes à apresentada anteriormente, e de gravações dessas sentenças realizadas por 2 informantes que

serão analisadas através do Programa PRAAT (BOESRMA; WEENICK, 2015), a fim de verificar os parâmetros acústicos de frequência fundamental (F0) e pausa.

## **I ORGANIZAÇÃO DA GRAMÁTICA FONOLÓGICA E FRASEAMENTO PROSÓDICO DO PORTUGUES BRASILEIRO**

### **1.1 Fonologia Prosódica e Fonologia Entoacional**

De maneira mais específica, o que se deseja analisar é o comportamento prosódico das interrogativas não convencionais, conforme explicitado na seção anterior. No entanto, antes de mais nada, cabem aqui algumas observações acerca das definições teóricas de caráter fonológico e a descrição de trabalhos que nortearão nossas hipóteses e guiarão a análise dos dados propostos. Nesse sentido, faz-se uso da abordagem integrada entre a Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 2007) e a Fonologia Entoacional (Ladd, 2008).

Segundo os postulados da Fonologia Prosódica, a fala é organizada hierarquicamente e é constituída por sete domínios, sendo esses os constituintes prosódicos. Conforme a teoria proposta por Nespor e Vogel, essas unidades são distribuídas em ordem decrescente e organizam-se da seguinte maneira: sílaba ( $\sigma$ ), pé ( $\Sigma$ ), palavra fonológica ( $\omega$ ), grupo clítico (C), sintagma fonológico ( $\Phi$ ), sintagma entoacional (I) e enunciado fonológico (U).

Ainda no âmbito da fonologia prosódica, assume-se que a estrutura fonológica mantém relação com outras áreas da gramática, em especial com a sintática. Isto é, a fonologia não é autônoma/homogênea, mas sim uma área que está em interface com as demais estruturas. No entanto, embora se ateste a viabilidade da relação da fonologia com as demais áreas, há uma preocupação em enfatizar a ausência de isomorfismo entre os constituintes prosódicos e os demais constituintes.

Cada constituinte da hierarquia prosódica proporciona diferentes tipos de informação fonológica na definição de seu âmbito. Ainda que os princípios que definem os diversos constituintes prosódicos façam menção a noções não fonológicas, é de crucial importância que os constituintes prosódicos resultantes não sejam necessariamente isomórficos de qualquer outro constituinte procedente de um nível gramatical diferente. Concretamente, os constituintes prosódicos construídos a partir de informação obtida nos níveis morfológico e sintático não se encontram necessariamente em uma relação biunívoca com nenhum dos constituintes da morfologia ou da sintaxe.

(NESPOR & VOGEL 1994, p. 14, tradução de Silvestre 2021).

O debate sobre a ausência de isomorfismo entre os constituintes sintáticos e fonológicos nos domínios mais altos da hierarquia prosódica explica-se pelo fato de esses

constituintes serem dependentes de noções relativas a constituintes superiores na árvore sintática. Desse modo, analisando as regras de projeção, observa-se que as noções fonológicas aumentam conforme se avança até domínios prosódicos superiores.

Nessa lógica, conforme os postulados da Fonologia Prosódica, a sequência sonora da fala é distribuída hierarquicamente em domínios prosódicos. Nesse sentido, a existência de certos processos fonológicos — sândi e elisão (processos segmentais) e, mais recentemente, a entoação e a retração do acento (processos suprasegmentais) — têm sido um importante mecanismo para comprovar a distribuição hierárquica dos constituintes e para determinar os referidos domínios.

Além do mais, nesta pesquisa, lançaremos mão dos pressupostos teóricos da Fonologia Entoacional (PIERREHUMBERT, 1980; LADD, 2008), enquadrada no modelo autossegmental e métrico de análise da estrutura. Esse modelo teórico assume que a melodia dos enunciados possui uma organização fonológica própria, ou seja, é, de certa maneira, independente dos demais fenômenos linguísticos. Ademais, o modelo AM a interpreta como uma sequência de contornos entoacionais estruturados de forma específica na cadeia segmental que estão relacionados à estrutura prosódica. Como componentes do modelo, têm-se então, os tons, elementos do sistema que representam os contornos melódicos. A partir disso, os eventos tonais que caracterizam um enunciado ocorrem através da sequência de dois tipos de tons, sendo eles: tons altos – H (High) – ou baixos – L (Low) – que formam acentos tonais e tons de fronteira.

No que concerne aos acentos tonais, esses se associam à sílaba tônica, são indicados através de um asterisco (\*), e podem dar origem a acentos dois tipos: 1) simples ou monotonais ( $L^*$  ou  $H^*$ ), isto é, formados por apenas um tom; ou 2) complexos ou bitonais, formados pela combinação dos tons primitivos ( $L^*+H$ ,  $L+H^*$ ,  $H^*+L$  ou  $H+L^*$ ). Já no que se refere aos tons de fronteira, esses estão associados aos limites dos constituintes prosódicos, e sua indicação é feita por meio do símbolo % ( $H\%$  ou  $L\%$ ). Como já citado introdutoriamente, nos restringiremos, aqui, apenas ao padrão continuativo, o que será comentado na seção 2.12 (O contorno continuativo/suspensivo na literatura de base prosódica) dedicada à análise da literatura no que diz respeito a esse tema.

Sobre os aspectos referentes à sequência sonora da fala, também é válido mencionar que o fluxo desta pode ser interrompido por pausas (de diferentes durações), ou outros tipos de mecanismos, tais como: o alongamento silábico e a variação de  $F_0$ . Assim, entre as unidades de fala — agrupadas pelos falantes — é possível identificar rupturas ou fronteiras, as quais nomearemos fronteiras prosódicas. Nesse sentido, chamamos de fraseamento

prosódico (Beckman & Pierrehumbert 1986, entre outros) essa importante função da prosódia: o agrupamento da fala em unidades prosódicas.

Antes de iniciarmos a seção subsequente, a utilização das abordagens até aqui apresentadas explica-se pelo fato de objetivarmos realizar uma análise da estrutura entoacional das sentenças em que faz-se o uso da interrogação não convencional, juntamente com a observação dos domínios prosódicos. Diante disso, o aparato teórico apresentado nos permitirá uma análise coerente e detalhada sobre a estrutura em questão.

## **1.2 Construção de sintagmas entoacionais e as estratégias prosódicas para sua delimitação**

A presente seção é destinada à explicação da formação e construção do sintagma entoacional. Isso porque, conforme explicitado na introdução desta monografia, o uso da interrogação não convencional indicaria um contorno continuativo formando um IP à parte. Assim, o sintagma entoacional mostra-se como nossa unidade básica de análise. Além do mais, como visto nas abordagens anteriores, a fala é organizada hierarquicamente e constituída por diferentes domínios prosódicos.

À luz do mesmo aparato teórico apresentado no capítulo 1, Serra (2009) apresenta em sua tese novas evidências sobre a constituição da estrutura fonológica e seus constituintes, objetivando contribuir para o esclarecimento dos fatores envolvidos no fraseamento prosódico do PB. Assim sendo, em relação aos parâmetros acústicos decisivos para percepção de fronteiras prosódicas, a autora se debruça sobre as relações entre os constituintes prosódicos e a percepção de rupturas na fala espontânea e na leitura, além de, depreender as pistas mais comuns na delimitação de fronteiras prosódicas. Nesse sentido, os resultados da linha de pesquisa de Serra (2009) descrevem alguns fatores relevantes para a percepção de fronteiras, tais como: a pausa, o alongamento silábico e a variação da F0.

A partir das análises empreendidas, especialmente sobre o tipo de fronteira do domínio prosódico, a pesquisa revelou um importante dado sobre o fraseamento prosódico: as rupturas percebidas ocorreram, quase que na totalidade dos casos (99% em leitura e 91% em fala espontânea), em fronteiras de IP. Tal resultado aponta, então, o sintagma entoacional como um fator considerável para a percepção, além de ser considerado o constituinte ideal para ocorrência de pausa no PB e para associação tonal (Frota & Vigário 2000, Tenani 2002, dentre outros).

A respeito dos parâmetros acústicos verificados, faremos uma breve resenha sobre os resultados referentes ao alongamento silábico e à variação melódica. Assim sendo, verificou-se que, na fala espontânea e na leitura, esses indicadores apresentavam variados resultados entre os falantes. A partir disso, o alongamento silábico e a alteração da F0 não foram identificados como fatores tão presentes para diferenciar as fronteiras em questão, o que levou Serra (2009) a concluir que:

Diferentemente do que acontece com a pausa, o alongamento silábico e a variação de F0 não demonstraram ter atuação muito visível na diferenciação entre fronteiras percebidas e não percebidas. O que se observou de forma geral, nos dois estilos de fala, foi uma grande variação dos resultados desses parâmetros entre as falantes, portanto não fica clara a participação dessas pistas assinalando consistentemente uma ruptura percebida. (SERRA, Carolina 2009, p.183)

Entretanto, apesar da atuação não consistente desses parâmetros, Serra (2009) observa, mediante os resultados de ambos os estilos, que o maior alongamento ocorre na sílaba tônica. Além do mais, a autora discute sobre o fato do alongamento silábico e a variação melódica serem possíveis marcas necessárias de um sintagma entoacional. A partir disso, Serra (2009) levanta, em sua tese, uma questão: como possíveis marcas necessárias em um IP não atuam marcando a fronteira desse. A fim de tentar responder a questão, são mencionadas as duas seguintes hipóteses que, segundo a autora, necessitam ser melhor exploradas:

[...] ou essas pistas acústicas são demasiado variáveis (e graduais) para serem consistentemente usadas pelos falantes, ou pela sua natureza elas podem igualmente funcionar como pistas para outros fenômenos prosódicos, para além das fronteiras – como, designadamente, para marcar proeminência (acento de palavra, acento frasal, foco contrastivo, ver por exemplo Frota 2000) – o que diminuiria a sua eficácia como pista para fronteira prosódica face a outras pistas que inequivocamente assinalam fronteira, como a pausa.

(SERRA, Carolina 2009, p.184)

Tendo por base os expostos anteriores, os resultados referentes ao alongamento silábico e variação da frequência fundamental na delimitação de IPs interessam-nos por acreditarmos que a fronteira direita do IP é favorável para inserção de fatores prosódicos que caracterizem a formação de um sintagma entoacional à parte. Contudo, como visto anteriormente, tais preditores não tiveram robusta atuação na percepção de rupturas. Portanto, escolhemos, a seguir, focalizar em outro parâmetro: a pausa.

### 1.3. A pausa como característica mais comum na delimitação de IPs

Concordante à seção anterior, esta também se debruça sobre os estudos de Serra (2009), entretanto, com foco na pausa. Nessa perspectiva, os resultados referentes à pausa divergem bastante dos resultados dos parâmetros anteriores. Isso porque a presença e a duração da pausa apresentaram-se como pistas características para percepção de fronteiras prosódicas, análise que corrobora as considerações de trabalhos anteriores sobre a delimitação do sintagma entoacional, em português e em outras línguas (Selkirk 1986, Nespor & Vogel 1986, Pijper & Sanderman 1994, Cruttenden 1997, Hansson 2003, Chavaria; para o português, Frota 2000, Tenani 2002 *apud* Serra 2009). Esse parâmetro duracional mostrou-se, então, um fator decisivo para delimitação de fronteiras dos sintagmas entoacionais no *corpus* da pesquisa em ambos estilos de fala:

A presença da pausa se revelou, assim, uma pista determinante para a percepção de uma ruptura em nosso corpus, nos dois estilos de fala (esse fator sozinho explica 87% dos resultados perceptivos, de acordo com nossa análise RLB). Em termos gerais, em cerca de 96% das fronteiras de I percebidas em LE e em cerca de 88% em FE foi verificada a presença de uma pausa. Nas 12 fronteiras previstas de  $\emptyset$  percebidas, realizadas como fronteiras de I, também ocorreu uma pausa. Portanto as pausas funcionam, do ponto de vista da percepção, da mesma maneira nos dois estilos, marcando Is percebidos.

(SERRA, Carolina 2009, p.181)

Dando prosseguimento, cabem aqui outras ponderações sobre tal preditor acústico. Nesse contexto, a autora argumenta que a presença da pausa permite, também, uma probabilidade muito maior de percepção de ruptura. Ademais, ainda sobre a percepção das rupturas, a pesquisa demonstra que uma pausa de maior duração facilita ainda mais a identificação das fronteiras. Portanto, mediante os resultados da pesquisa, dois foram os fatores mais fortes e responsáveis para a percepção de rupturas: a pausa e a maior duração dessa.

No mais, a pesquisadora ainda tece comentários sobre a relevância da quantidade de sílabas ou palavras que constituem o IP. Sobre isso, declara que quanto maior o número silábico ou o número de palavras fonológicas formadoras do IP, maiores são as chances de percepção de rupturas do constituinte. As breves considerações aqui feitas sobre o trabalho de Serra (2009), justificam-se em razão dos resultados concernentes à pausa como contributo fundamental na percepção da fronteira de sintagmas entoacionais. Por consequência, tais considerações são relevantes neste estudo e serão consideradas na metodologia aplicada, uma vez que acreditamos na atuação da pausa para delimitação de IPs associados aos pontos de interrogação não canônicos.

## II A ESCRITA E O USO NÃO CONVENCIONAL DE SEUS ELEMENTOS

### 2.1 A utilização de vírgulas não convencionais e a sensação de continuidade dos enunciados

A presente seção versará, sob o mesmo olhar teórico aqui seguido, sobre o uso não convencional dos elementos na escrita, especialmente, sobre o uso não canônico das vírgulas. Isto é, vírgulas empregadas em contextos não previstos pelas normas da convenção, sobretudo, segundo Rocha Lima(1986) e Cunha e Cintra (2001). Para tanto, Soncin (2012) em artigo intitulado “As vírgulas não-convencionais em textos dissertativos produzidos em ambiente escolar: indícios de organização prosódica, evidências sobre os imaginários sobre a escrita”, parte da premissa inicial de que tal uso das vírgulas, em textos produzidos no 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, estaria condicionado a fronteiras prosódicas.

A autora, em seu estudo, leva em consideração a estrutura sintática dos enunciados, além das construções em que verifica-se o uso não canônico das vírgulas, com objetivo de mapear os possíveis eventos tonais associados aos domínios prosódicos. Assim sendo, Soncin (2012) faz uso dos textos dissertativos do “Banco de dados de produções escritas do Ensino Fundamental” (UNESP), e nos dados observados encontra um alto percentual de vírgulas em fronteiras prosódicas. Desse modo, o resultado comprova a relevância das fronteiras para atuação das vírgulas, mesmo que, em posições não prescritas pela Tradição Gramatical.

Tomando por base, portanto, que tais usos não convencionais da vírgula coincidem com as fronteiras prosódicas, a autora passa a investigar de quais constituintes prosódicos seriam essas fronteiras e quais contornos melódicos, indicados pelas vírgulas, seriam os mais frequentes no *corpus*. Diante disso, a análise dos dados apresenta uma maior frequência do uso das vírgulas em duas possibilidades de fronteiras, sendo elas: o limite dos sintagmas fonológicos e dos sintagmas entoacionais. Todavia, apesar das duas possibilidades, observa-se uma tendência do uso não canônico das vírgulas vinculado, majoritariamente, à fronteira de um IP, o qual focaremos nesta pesquisa.

Considerando, então, a maior frequência das vírgulas em fronteira de sintagmas entoacionais, Soncin (2012), conforme Tenani (2002), salienta que há — nos dados — um tom com final ascendente nesses IPs (não finais), o que caracteriza o contorno melódico continuativo. Ou seja, as vírgulas não convencionais servem para marcar esse tom levemente

ascendente (H%) associado à fronteira do sintagma entoacional, que não é final, caracterizando o referido contorno. Dessa forma, a autora chega à conclusão que:

As vírgulas relacionadas a tom de fronteira são, da perspectiva de Cagliari (1989), vírgulas cuja função é marcar um tom suspensivo; já, na perspectiva de Chacon (1998), essas vírgulas criam no leitor uma sensação de expectativa para a continuidade do enunciado e não para o seu término, de tal modo que, por meio da delimitação de unidades, um jogo rítmico é construído baseando-se na satisfação de expectativas criadas devido à sequência de unidades com tom suspensivo.

(SONCIN, Geovana 2012, p. 8)

Nesse contexto, o uso da vírgula em questão sinaliza um tom de fronteira (ascendente), característico do contorno medial continuativo. Isso porque, tais vírgulas geram no ouvinte uma expectativa de continuação da sentença e não um fim. Dessa maneira, o estudo de Soncin (2012) contribui para os estudos do contorno melódico citado e demonstra que o uso não convencional dos elementos da escrita podem criar essa sensação de continuidade.

Sob a mesma perspectiva, Soncin e Tenani (2016) estabelecem as relações entre a utilização das vírgulas de alunos do Ensino Fundamental e a organização da prosódia do PB em artigo nomeado “Emprego de vírgula e prosódia do Português Brasileiro: aspectos teórico-analíticos e implicações didáticas”. Além disso, as autoras se propõem a mostrar que, a partir da análise feita, o emprego das vírgulas demonstra características prosódicas que organizam a segmentação das sentenças e atuam na construção de sentidos dos textos.

Soncin e Tenani (2016) discorrem também sobre o modo como ocorrem as relações entre oralidade e letramento nas práticas didáticas. Sobre isso, argumentam que, em contexto escolar, seria mais produtivo considerar a relação entre letramento e oralidade para tratar de fenômenos linguísticos e processos simbólicos da escrita. No entanto, nosso foco de análise se concentra nas regularidades prosódicas associadas ao emprego das vírgulas.

No que diz respeito ao uso não convencional das vírgulas, foi observado que a grande maioria dos usos foi empregado em posições em que se confere fronteira prosódica, mais especificamente, delimitam fronteiras de frases entoacionais (92% dos casos). Tal resultado fez as autoras interpretarem que:

[...] dentre as unidades prosódicas do modelo de Fonologia Prosódica, a frase entoacional é aquela que organiza estruturalmente o emprego da vírgula, tornando-se a estrutura subjacente à escrita cujas fronteiras se tornam posições potenciais para o emprego de vírgula.

(SONCIN & TENANI 2016, p. 10)

Dando continuidade, outra informação relevante a se destacar é a característica comum às fronteiras que definem as frases entoacionais marcadas pelas vírgulas: são

fronteiras de frases entoacionais não finais, isto é, são fronteiras que delimitam o final de uma frase entoacional e o começo de outra. Tal fato verifica-se, pois em frases entoacionais finais a delimitação da fronteira se dá por meio do ponto, e não através de vírgulas (segundo a convenção).

Assim sendo, em construções como [Acredito que uma pessoa que fica na frente do computador conversando todos os dias,]I [tenha grande dificuldade na hora de produzir um texto,]I [pois saberá diferenciar uma língua da outra.]I (SONCIN & TENANI 2016, p.11), observa-se o uso não convencional da vírgula após a palavra “dias”, visto que, segundo a Tradição Gramatical, não separamos o sujeito do verbo. Partindo, então, para uma análise de realização, Soncin e Tenani (2016) comentam que tal vírgula se apresenta em posição que, potencialmente, ocorreria um tom de fronteira ascendente. Isto é, o uso não convencional da vírgula, nesse contexto (IP não final), sinaliza a presença do contorno continuativo que caracteriza-se pela continuação do enunciado.

Em linha de pesquisa semelhante, Carvalho (2018) publica o artigo nomeado “Usos de vírgulas em textos do início do Ensino Fundamental II: distribuição e evidências de características prosódicas”, em que descreve e analisa os usos convencionais e não convencionais das vírgulas em textos do 6º e 7º ano de uma rede pública de São José do Rio Preto. Assim como Soncin (2012), Carvalho (2018) busca descrever e fornecer as pistas prosódicas relevantes nas fronteiras associadas ao emprego do sinal de pontuação.

Em um primeiro momento, a autora apresenta os contextos — que vão desde separação de adjunto adverbial à separação, nas datas, do nome e lugar — em que há maior ocorrência dos usos convencionais e não convencionais, a fim de mapear as regularidades e tendências que caracterizam cada uso das vírgulas. Em seguida, realiza a análise qualitativa desses usos, para isso seleciona um texto produzido no 6º ano. A primeira análise é relativa ao uso convencional da vírgula para separar — nas datas — o nome do lugar. Sobre isso, a autora declara que o sintagma entoacional (final) é a fronteira prosódica propícia para descrição desse emprego. Além disso, sobre os possíveis contornos melódicos vinculados ao emprego convencional das vírgulas, declara que:

Dessa forma, interpretamos que a vírgula convencional se configura em uma fronteira de I onde um contorno entoacional do tipo descendente pode ser percebido. Portanto, a vírgula para este contexto indicia a possibilidade de identificação desse tom de fronteira de I.  
(CARVALHO, Tainan 2018, p.10)

Outras análises similares são feitas em outros dados de uso convencional, contudo, nos ateremos às análises seguintes, de estruturas de orações subordinadas adverbiais que

precedem a oração principal. Os exemplos elencados apresentam fronteiras neutras de IPs não finais, diferentemente dos exemplos anteriores, em que as fronteiras se configuravam como finais e neutras. Nesse viés, a vírgula convencional marca uma fronteira do chamado tom continuativo, tom esse que dá ao leitor uma sensação de que alguma informação ainda está por vir na sentença. Para explicar a configuração do referido contorno melódico, Soncin (2012) se pauta nas considerações de trabalhos anteriores:

De acordo com Tenani (2002), quando temos uma sentença neutra, formada por mais de uma I – como nos casos acima – as Is não-finais dessa sentença são caracterizadas por um tom de fronteira nomeado pela autora como medial continuativo. Conforme explica Soncin (2012, p. 396), o que caracteriza esse tom medial continuativo é “um tom levemente ascendente (H%) em fronteira de I” e também a possibilidade de ocorrência de pausa.

(CARVALHO, Tainan 2018, p.11)

Nesta pesquisa, interessam-nos, ainda, as elucidações feitas sobre o dado não convencional das vírgulas. Para esse tipo de dado, duas considerações diferentes foram feitas: (1) em uma parte desses dados, a fronteira vinculada à vírgula era de sintagma fonológico. Nessa fronteira, as vírgulas atuavam como marca de focalização, ou seja, destacavam determinado elemento da sentença. (2) Na outra parte dos dados, as vírgulas foram empregadas em fronteiras de IPs, nessa ocasião, a vírgula caracteriza um certo contorno focalizador. Isto é, nessa fronteira, a vírgula funciona como um indicador de como a informação seguinte deve ser interpretada (sinalizando aspectos semânticos).

Tendo por base as considerações anteriormente elencadas, os estudos concernentes à utilização não convencional dos sinais de pontuação se mostram relevantes por acreditarmos que: assim como mostram os trabalhos anteriores, o uso não convencional do ponto de interrogação também estabelece relações com a organização prosódica do português brasileiro; além de, possivelmente, traduzir na escrita o contorno melódico continuativo. Portanto, tais pesquisas contribuem para a interpretação da configuração do emprego não canônico dos elementos da escrita associados às fronteiras dos constituintes prosódicos e ao contorno melódico aludido.

## **2.2 O contorno continuativo/suspensivo na literatura de base prosódica**

Dando continuidade, sob o mesmo olhar teórico já apresentado, nesta seção, nos dedicaremos a apresentar trabalhos dentro da literatura de base prosódica que buscam evidências para a estrutura prosódica do contorno melódico continuativo. Dessa forma, é válido mencionar aqui alguns trabalhos que realizam a análise da entoação do PB, em

especial, aquelas concernentes ao contorno melódico continuativo, o qual acreditamos estar presente nos dados desta pesquisa.

Cunha (2000), interessada em descrever a entoação regional do PB, discorre sobre padrões assertivo neutro final e não final — padrão continuativo — e, para isso, analisa dados de fala espontânea e de leitura. Não iremos discutir aqui as considerações sobre o padrão assertivo neutro final e nos restringiremos apenas ao padrão continuativo. Desse modo, em um primeiro momento, para a autora tal contexto representava uma enorme complexidade e grande disparidade de resultados. Todavia, com os dados dos informantes cariocas, a autora pôde constatar que o referido contorno pode ser expresso por L+H\* H%, e que as sílabas permanecem em um mesmo patamar tonal, ao passo que, no padrão assertivo neutro, observa-se a queda da F0 na tônica final.

A respeito de estudos específicos sobre a relação entre as estruturas entoacionais e prosódicas do PB, o estudo de Tenani (2002) é um dos trabalhos precursores sobre o tema. Desse modo, a autora faz análises relativas à declaração neutra no PB, e destaca, com base em seus resultados, algumas características entoacionais, dentre elas: a ocorrência majoritária da configuração L+H\*H% nos IPs iniciais (sintagmas oracionais ou não) analisados, fator esse que caracteriza o “padrão continuativo” (Gonçalves 1997, Cunha 2000) e aponta para a necessidade de complementação por outro constituinte.

Em trabalho posterior, Silvestre (2018, 2021), baseando-se nas postulações funcionalistas, realiza uma análise prosódica das variedades do desgarramento no Português Brasileiro e no Português Europeu. Seu estudo revelou dados interessantes para o fraseamento prosódico do PB, além de considerações referentes às pistas prosódicas de tais cláusulas (duração, contorno melódico e gama de variação da F0 na fronteira do IP). Em especial, nosso foco diz respeito aos dados sobre a relação entre prosódia e o desgarramento.

Nesse viés, os resultados sobre o contorno melódico das orações do PB, aquelas formalmente anexadas a uma oração matriz, não desgarradas, canônicas, , que necessitavam de continuação sintática, apresentaram o contorno melódico L+H\*L%. Tal resultado vai de encontro com a literatura da área, pois esta (Cunha 2000, Tenani 2002) cunha como “padrão continuativo” o contorno L+H\*H%, sendo a fronteira alta a caracterizadora de continuidade.

No que concerne à escrita, especificamente, conforme explicitado de forma introdutória, estudos sobre o uso não canônico de seus elementos — Soncin (2012), Soncin e Tenani (2016), Carvalho (2018) — afirmam que há um tom levemente ascendente ligado à fronteira direita do sintagma entoacional (IP), que caracterizaria o padrão continuativo e que

cria no leitor uma espera pela continuação do enunciado, corroborando afirmações Tenani 2002..

### **2.3 A relação entre a ausência de estratégias prosódicas e o tom alto característico do contorno continuativo**

Silvestre (2018) apresenta no artigo “Contributos do estudo sobre o desgarramento na língua falada para a descrição do fraseamento prosódico no Português Brasileiro” uma descrição prosódica das orações desgarradas, relacionando-a a estudos sobre o fraseamento prosódico no PB. Para isso, a autora se pauta em estudos sobre a estrutura entoacional das orações adverbiais e sobre os aspectos acústicos do fraseamento do português brasileiro, estudos esses que apontam ser o contorno L+H\*H% relativo ao fim dos IPs e a pausa ser a característica prosódica mais relevante no fraseamento de sintagmas entoacionais.

Em especial, interessam-nos as reflexões e hipóteses, levantadas no referido artigo, concernentes ao chamado contorno continuativo. Nesse sentido, Silvestre (2018) faz uma análise focada na existência de pausas para a caracterização das orações que a autora chama de não desgarradas, aquelas anexadas canonicamente à matriz. Verificou-se nos resultados que a pausa, em majoritariamente 92% das orações, esteve vinculada aos contornos L+H\*L% e H+L\*L%, isto é, relacionada à fronteira baixa. Além disso, sobre a configuração final L+H\*H%, não se verificou delimitação com pausa em nenhum dos IPs.

Com tais resultados, Silvestre (2018) formula a hipótese de que a configuração tonal L+H\*H% é característica do padrão que transmite a sensação de continuidade no português brasileiro somente quando não vem acompanhado da pausa ou alongamento na delimitação do IP. Isto é, apenas quando há ausência de outras pistas prosódicas na fronteira do sintagma entoacional que o referido contorno melódico manifesta sozinho a expectativa de continuidade do enunciado, pois, quando combinado com outra pista, como o alongamento silábico, por exemplo, serviria para traduzir fenômenos como o do desgarramento. Sobre a relação entre o fraseamento do IP e os contornos melódicos de continuidade, Silvestre (2018) aponta que:

Nos casos em que o fraseamento deste constituinte se dá com a influência de outras pistas – como pausa ou o alongamento das sílabas finais – o conteúdo semântico de complementação é majoritariamente transmitido por contornos entoacionais que

apresentam um tom baixo na fronteira do IP. Isto é: o contorno L+H\*H% transmite, sozinho, o conteúdo de complementação, porém, se há outras pistas prosódicas salientes na fronteira do IP, como pausa ou alongamento final, o referido conteúdo é dado pela combinação de tais pistas ao tom L%.

(SILVESTRE, Aline 2018, p. 15)

Assim, diferentemente do já postulado por trabalhos anteriores (Cunha 2000, Tenani 2002), a autora hipotetiza que a sensação de continuidade é transmitida, majoritariamente, por um tom de fronteira L% quando há combinação deste tom com outras pistas prosódicas, especialmente com a pausa.

### **III A INTERROGAÇÃO NÃO CONVENCIONAL EM POSTAGENS NAS REDES SOCIAIS**

#### **3.1 Mapeamento de possíveis contextos e construções de uso e hipóteses**

Em face dos estudos anteriormente citados, é possível observar uma relação entre o uso não convencional dos elementos da escrita, especialmente a vírgula, e o contorno entoacional suspensivo. Tal relação despertou, então, o interesse em analisar outro sinal de pontuação em uso não canônico: o ponto de interrogação. Todavia, diferentemente do que ocorre nos estudos já mencionados, nossos dados não dizem respeito a textos do Ensino Fundamental, mas sim de postagens da *Internet*. Dessa forma, a presente seção visa apresentar o emprego das interrogações não convencionais em postagens das redes sociais, além de mapear os possíveis contextos dessa ocorrência.

Começamos, então, por apresentar os *posts* coletados para, em seguida, justificar o motivo de tais usos serem considerados não canônicos e, por fim, sinalizarmos as possíveis construções de uso.

Os exemplos a seguir, retirados do *Instagram*, ilustram o fenômeno em questão:

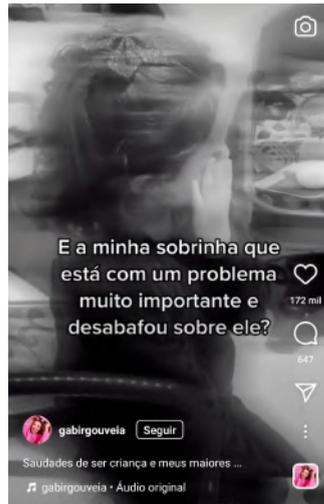


Imagem 1: Postagem retirada do *Instagram*



Imagem 2: Postagem retirada do *Instagram*

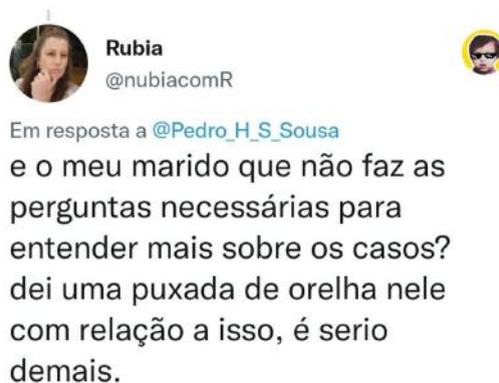


Imagem 3: Postagem retirada do *Instagram*

Nos exemplos apresentados acima, nota-se a ocorrência não convencional de sentenças interrogativas. Isso porque, partindo de uma análise tradicional — que declara que

a interrogação pode ser direta ou indireta — os enunciados não se encaixam nas interrogativas iniciadas por pronomes interrogativos (diretas); e também não são construídos através dos verbos próprios para interrogar (indiretas). Além do mais, não se enquadram nas análises descritivas — prevê que as interrogativas podem ser tonais ou parciais —, já que não são sentenças que objetivam uma resposta negativa ou positiva (total) e não contém constituintes interrogativos como as parciais. No entanto, apesar de não canônico, os enunciados acima são facilmente entendidos.

No que tange às possíveis construções de uso, os dados demonstram um certo padrão e nos fazem pensar que a construção: conjunção “e” + agente da ação + oração introduzida pela partícula “que” é a preferida para o uso das interrogações não convencionais. No mais, a partir da análise preliminar dos dados, tal emprego das interrogações não convencionais parece ocorrer em contextos em que se pretende focalizar, dar ênfase a determinado elemento. Isto é, o emprego não convencional do ponto de interrogação parece refletir uma estratégia de foco na escrita.

A hipótese inicial da pesquisa era de que os usuários da internet, que publicam *posts* como os elencados anteriormente, utilizavam o ponto de interrogação não convencional para indicar que, em algum momento da sentença, há uma pergunta. Isto é, a hipótese era de que esse uso indicaria um contorno interrogativo, descrito na literatura de base prosódica como L+H\*L% para o português carioca — que é caracterizado por uma subida da F0 na última sílaba tônica, seguida de uma queda — e que isso formaria um IP à parte.

No entanto, a partir da análise e da reflexão suscitadas pelos trabalhos elencados até o momento, repensamos as ideias e passamos a partir da hipótese de que as estruturas que apresentam o uso não convencional do ponto de interrogação podem apresentar pistas prosódicas que indicam um contorno melódico L+H\*H%, e que esse delimita um sintagma entoacional (IP) antes do ponto de interrogação. Isto é, o contorno ascendente na fronteira do sintagma — caracterizador do contorno suspensivo — além de indicar a fronteira duma fronteira de IP, cria no leitor uma sensação de expectativa, fazendo-o esperar que ocorra a continuidade do enunciado e não seu término, o que também poderia traduzir uma estratégia de foco.

Ademais, acreditamos também que as segmentações obedeçam às regras de constituição do domínio do sintagma entoacional (IP), uma vez que, de acordo com Serra (2009), este é o domínio propício para a realização e percepção de pausas na língua falada. Em suma, estudos sobre o fraseamento prosódico do PB apresentam a pausa e o alongamento como estratégias recorrentes na delimitação de constituintes.

## IV METODOLOGIA

### 4.1 O *corpus*

O corpus desta pesquisa foi selecionado com objetivo de que fizéssemos uma análise que descrevesse a prosódia do fenômeno linguístico em questão, presente nas postagens anteriormente elencadas. Assim sendo, o processo de coleta de corpus foi realizado em diferentes etapas. Em um primeiro momento, foi feita a recolha dos dados escritos com pontos de interrogação não convencionais — todos provenientes da rede social Instagram.

Posteriormente, realizamos a segmentação “ideal” dos IPs nos dados recolhidos, conforme os pressupostos da Fonologia Prosódica, com a finalidade de compararmos a produção e percepção dos informantes com essa segmentação “ideal”. Após isso, foi solicitado aos informantes que introduzissem uma barra (/) nos locais em que, através da leitura, considerassem haver alguma delimitação/pausa — um processo metodológico semelhante foi utilizado na tese de Serra. (2009). Em seguida, após a marcação das possíveis pausas, foi pedido aos mesmos informantes que fizessem a leitura e a gravação dos trechos para, assim, averiguarmos as pistas prosódicas presentes na reprodução oral.

Para análise acústica dos dados, fizemos uso do programa computacional Praat (BOESRMA; WEENICK, 2015), com o objetivo de relacionar a segmentação indicada pelos informantes e a segmentação produzida e de verificar os parâmetros acústicos de frequência fundamental (F0) e pausa — esta já explicitada em outros trabalhos (Serra, 2009; Fernandes-Svartman et al., a sair; Serra, 2016) como um dos agentes determinantes para percepção de fronteiras.

A pesquisa contou com duas informantes do sexo feminino, oriundas do Rio de Janeiro e alunas da graduação de Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro. É válido ressaltar, ainda, que todo o procedimento da pesquisa foi realizado via mensagens e gravações do Whatsapp, em virtude do recesso das festas de fim de ano. Por fim, o *corpus*, como um todo, conta com 3 sentenças com interrogações não canônicas — os *posts* referentes a cada sentença foram apresentados na seção 3.1 — sendo elas: (1) E a minha sobrinha que está com um problema muito importante e desabafou sobre ele?; (2) E o meu marido que não faz as perguntas necessárias para entender mais sobre os casos?; (3) E a minha cachorra que se recusa a usar roupa mas fura todos os cobertores dela e fica andando de capa pela casa?.

Na seção subsequente, exemplificamos como se deu a metodologia adotada, feita com base nas seguintes etapas: (1) segmentação “ideal” dos IPs nos dados recolhidos e marcação, pelos informantes, de possíveis pausas; (2) análise no Praat do *corpus* e relação entre a segmentação “ideal” e a segmentação produzida.

## 4.2 A segmentação “ideal” dos IPs dos dados recolhidos e a segmentação dos informantes

A seguir, apresentamos as segmentações ideais de cada uma das referidas orações. Além disso, exemplificamos também como se deu a segmentação realizada por cada um dos informantes, isto é, a delimitação por meio das barras para marcar possíveis pausas nos dados recolhidos. Os dados estão dispostos da seguinte forma: (1) segmentação ideal; (2) segmentação de cada um dos dois informantes.

- [E a minha sobrinha que está com um problema muito importante] **IP** [e desabafou sobre ele] **IP**

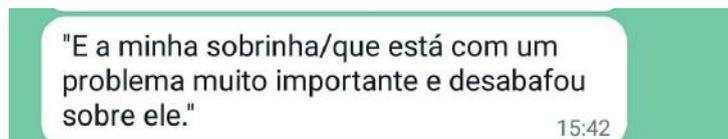


Imagem 4: Segmentação do informante 1

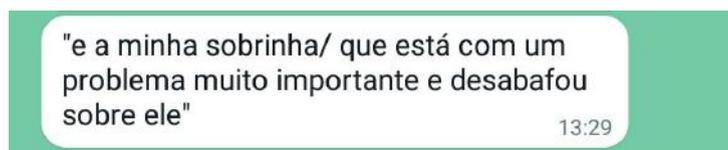


Imagem 5: Segmentação do informante 2

- [E a minha cachorra que se recusa a usar roupa] **IP** [mas fura os cobertores dela] **IP** [e fica andando de capa pela casa] **IP**

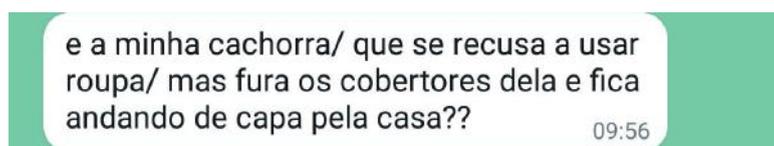
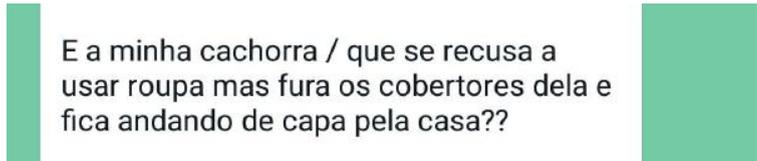


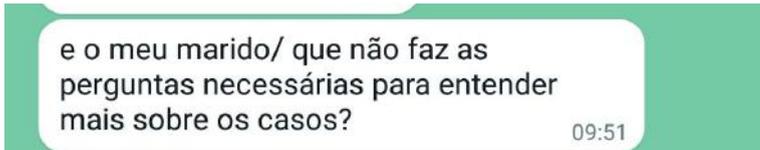
Imagem 6: Segmentação do Informante 1

A screenshot of a text segmentation tool. The text is "E a minha cachorra / que se recusa a usar roupa mas fura os cobertores dela e fica andando de capa pela casa??" and is enclosed in a light green rounded rectangle. The text is split by a vertical slash, indicating a pause.

E a minha cachorra / que se recusa a usar roupa mas fura os cobertores dela e fica andando de capa pela casa??

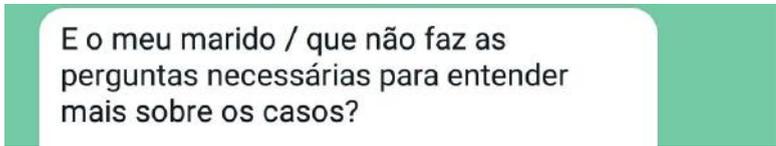
Imagem 7: Segmentação do informante 2

- [E o meu marido que não faz as perguntas necessárias] **IP** [para entender mais sobre os casos] **IP**

A screenshot of a text segmentation tool. The text is "e o meu marido/ que não faz as perguntas necessárias para entender mais sobre os casos?" and is enclosed in a light green rounded rectangle. The text is split by a vertical slash, indicating a pause. A timestamp "09:51" is visible in the bottom right corner.

e o meu marido/ que não faz as perguntas necessárias para entender mais sobre os casos? 09:51

Imagem 8: Segmentação do informante 1

A screenshot of a text segmentation tool. The text is "E o meu marido / que não faz as perguntas necessárias para entender mais sobre os casos?" and is enclosed in a light green rounded rectangle. The text is split by a vertical slash, indicating a pause.

E o meu marido / que não faz as perguntas necessárias para entender mais sobre os casos?

Imagem 9: Segmentação do informante 2

O presente processo metodológico tem a finalidade de comparar a segmentação feita pelos informantes e a segmentação ideal. Tendo em vista isso, com base nos dados, percebe-se que as duas informantes fazem a mesma segmentação nos dados 1 e 3, ou seja, apontam uma única possível pausa delimitando um IP à parte no início do enunciado. Todavia, a informante 1, na segunda sentença (“E a minha cachorra que se recusa a usar roupa mas fura os cobertores dela e fica andando de capa pela casa?”) sinaliza duas possíveis pausas, demarcando dois sintagmas. Desse modo, nesse dado, a informante 1 não mantém o padrão antes usado — indicar apenas uma ruptura no começo do enunciado — e também não segue a delimitação ideal. As segmentações realizadas, portanto, não correspondem — em sua totalidade — às suas ideais, e demonstram uma pausa inicial delimitando um sintagma entoacional na maioria dos casos, ou seja, um fraseamento em dois IPs.

### 4.3 Análise do *corpus* no Praat

Como mencionado em seção anterior, a análise no programa computacional Praat tem o objetivo de analisar os parâmetros prosódicos — pausa e frequência fundamental — do *corpus* em questão. Além do mais, busca-se relacionar a segmentação indicada pelos

informantes (seção 4.2) e a segmentação produzida pelos mesmos. Assim sendo, os resultados a seguir dizem respeito às análises das gravações das leituras dos dados após a segmentação feita pelos informantes.

Os resultados abaixo correspondem às análises acústicas do corpus e estão apresentados na seguinte ordem: (1) reprodução do enunciado “E a minha sobrinha que está com um problema muito importante e desabafou sobre ele?” pelos informantes 1 e 2 respectivamente; (2) reprodução do enunciado “E a minha cachorra que se recusa a usar roupa mas fura os cobertores dela e fica andando de capa pela casa?” pelos informantes 1 e 2; (3) reprodução do enunciado “E o meu marido que não faz as perguntas necessárias para entender mais sobre os casos” em ordem idêntica às anteriores.

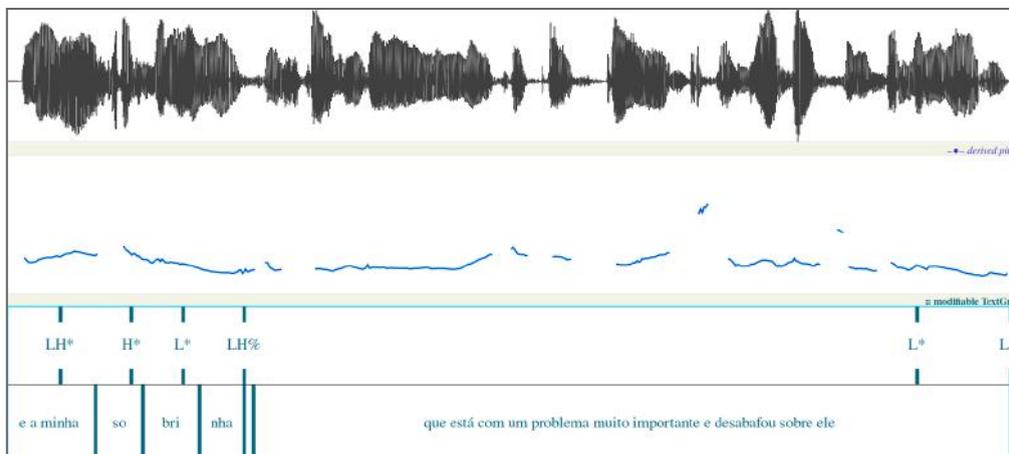


Imagem 10: Análise prosódica da produção do informante 1

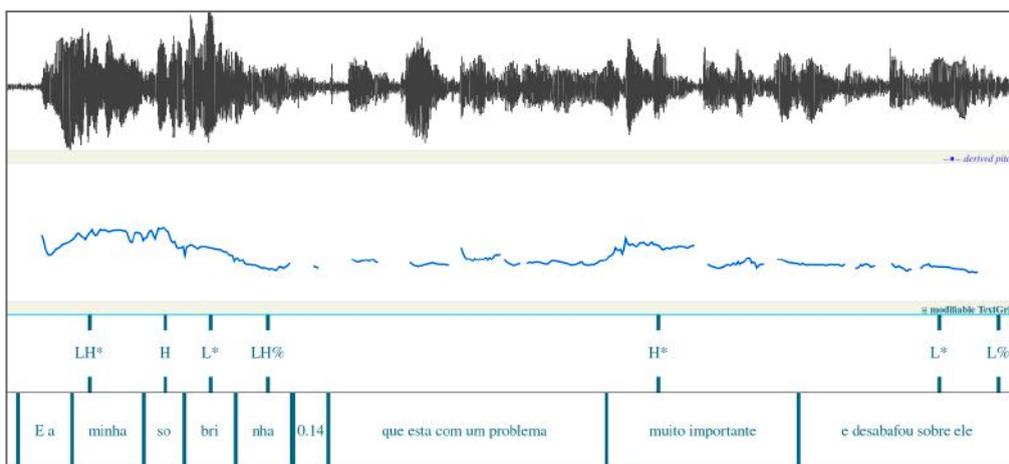


Imagem 11: Análise prosódica da produção do informante 2

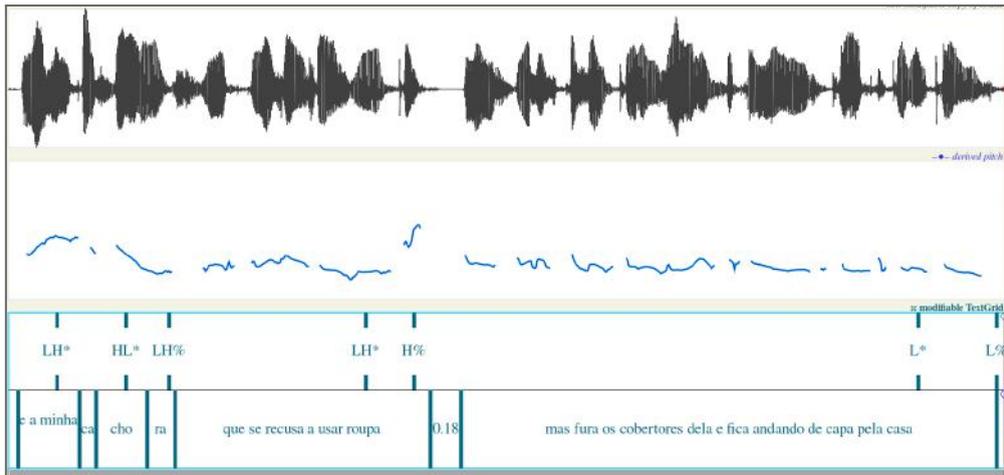


Imagem 12: Análise prosódica da produção do informante 1

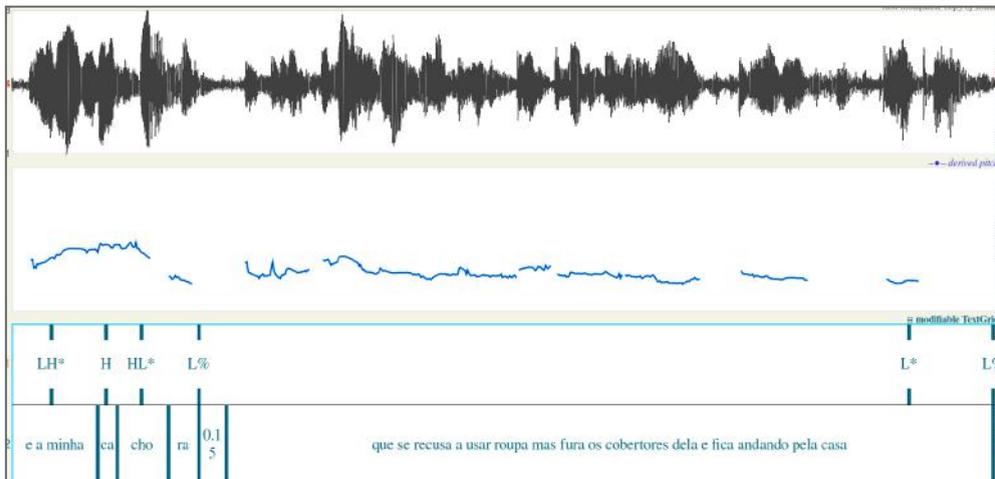


Imagem 13: Análise prosódica da produção do informante 2

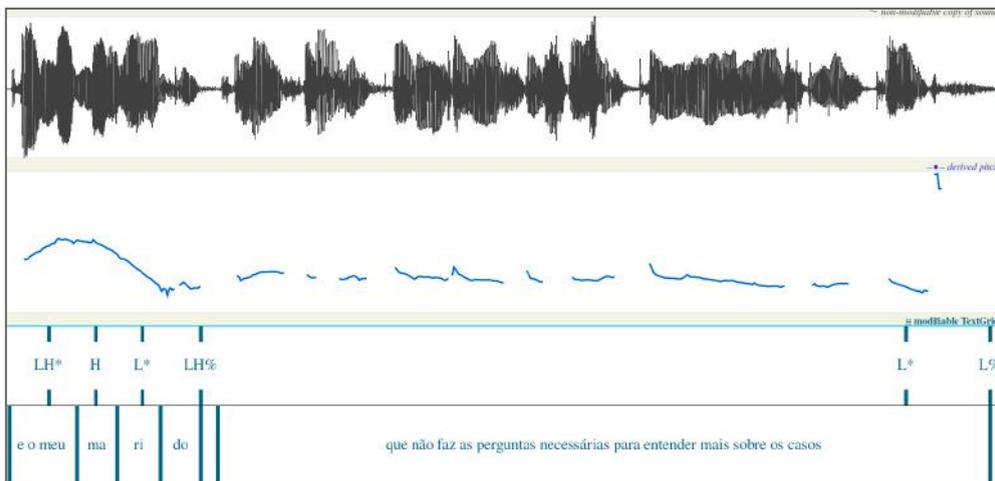


Imagem 14: Análise prosódica da produção do informante

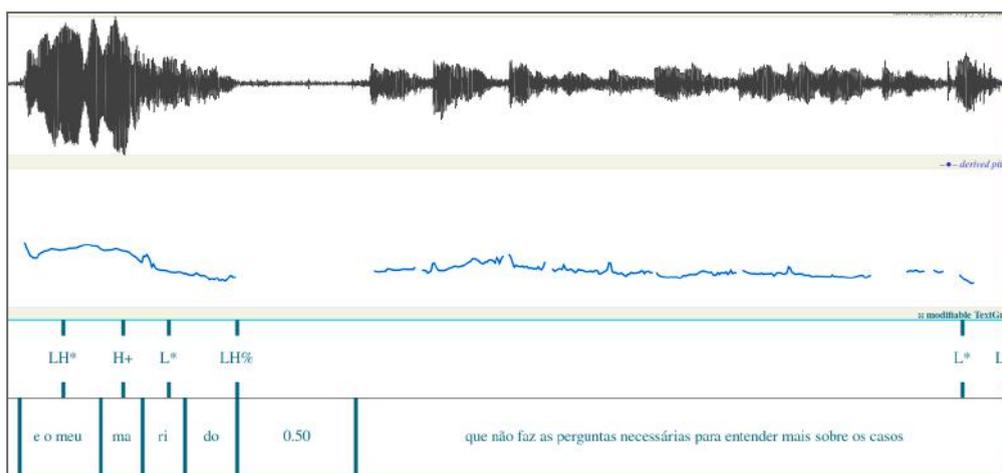


Imagem 15: Análise prosódica da produção do informante 2

Os exemplos acima ilustram como ocorreu a análise no Praat: (1) apresentação do oscilograma; (2) apresentação do espectrograma com a F0; segmentação do enunciado no segundo quadrante; (3) marcação da pausa, quando houve, também no segundo quadrante; (4) associação de tons no primeiro quadrante. Ademais, a partir dos resultados obtidos, é possível relacionar a segmentação indicada pelos informantes, e a segmentação produzida. Isso porque, nos mesmos lugares em que os informantes marcaram uma possível pausa — através da barra, pode-se verificar se houve uma pausa, presença que corrobora os estudos de Serra (2009) aqui já citados. No mais, a seção subsequente destina-se aos resultados da pesquisa, especificamente, à questão da pausa, dos contornos melódicos verificados e de uma possível estratégia de foco.

## V RESULTADOS

### 5.1 A pausa e a delimitação dos sintagmas entoacionais

Em relação ao parâmetro acústico aqui verificado — a pausa — os resultados adquiridos levam-nos a propor que tal preditor é, de fato, um fator determinante para a delimitação de IPs. No primeiro dado, as informantes marcaram uma possível pausa no mesmo lugar, delimitando o sintagma entoacional “ e a minha sobrinha”. Partindo para análise no Praat, percebe-se, nas duas produções, a mesma pausa, ainda que breve, marcando o limite desse sintagma.

Assim como ocorreu no primeiro dado, no terceiro também foi feita a marcação por meio das barras em lugar idêntico. Isto é, uma pausa no início da sentença que forma um IP à parte, sendo ele “e meu marido”. De igual forma, as informantes marcam essa primeira delimitação — através da pausa — em um lugar não previsto pela segmentação ideal. No entanto, ainda assim, observa-se na análise acústica a presença de tal aspecto neste “momento não ideal” marcando a fronteira do sintagma.

Diferentemente do que ocorre nos dados 1 e 3, no segundo dado, as pausas não foram sinalizadas no mesmo lugar. A informante 1 realiza duas marcações: a primeira formando o IP “e a minha cachorra”; e a segunda, em seguida, marcando o IP “que se recusa a usar roupa”. Em contrapartida, a informante 2 segue o mesmo padrão dos outros dados e marca a possível pausa no início da sentença, delimitando o sintagma “e a minha cachorra”. É interessante observar que, mesmo com a marcação de fronteira por ambas as informantes, não foi por por pausa que se deu a delimitação do IP “E a minha cachorra” pela informante 2, o que nos leva a pensar na importância de análise, também, do alongamento silábico em dados deste tipo.

Além da presença da pausa delimitando as fronteiras dos sintagmas entoacionais, outro correlato analisado foi a duração de tal parâmetro acústico. Nesse sentido, os testes demonstram uma variedade de resultados, descritos a seguir:

- Duração da pausa no primeiro dado na produção da informante 1: 0.078082s
- Duração da pausa no primeiro dado na produção da informante 2: 0.144593s
- Duração das pausas no segundo dado na produção da informante 1: 0.086193s e 0.184698s
- Duração da pausa no segundo dado na produção da informante 2: 0.15103s
- Duração da pausa no terceiro dado na produção da informante 1: 0.095219s
- Duração da pausa no terceiro dado na produção da informante 2: 0.504484s

Serra (2009) atesta em sua tese que atuação da pista duracional é significativa em contextos percebidos. Isto é, seus resultados demonstram que é mais provável perceber uma ruptura na presença de uma pausa que seja mais longa. Desse modo, a maior duração caracteriza-se como forte preditor para percepção de fronteiras, juntamente com a pausa. Ao contrário de Serra (2009), nossa análise preliminar dos dados não parece indicar que uma maior ou menor duração altere a marcação de uma fronteira. Isso porque observamos durações maiores (0.504484s) e menores (0.068781s) delimitando os sintagmas. Entretanto, é necessária uma verificação bem mais robusta, com maior número de dados e futuras

análises estatística e perceptiva. No mais, os resultados reforçam os estudos de Serra (2009), aqui mencionados, que indicam a pausa como principal agente na delimitação de sintagmas entoacionais. Isso porque demonstraram que esse parâmetro acústico ocorreu delimitando IPs nos dados do *corpus*.

## 5.2 Os contornos melódicos verificados

Na presente seção, pretendemos tecer comentários preliminares sobre os contornos melódicos verificados nos dados. Nesse sentido, os resultados nos levam a uma questão: a sentença interrogativa parece não estar associada ao sinal de pontuação, ou seja, apesar do ponto de interrogação, não há um contorno interrogativo no final dos enunciados. Isto é, no final da sentença — onde é utilizada a interrogação não canônica — não se percebe o contorno interrogativo  $L+H*L\%$ , característico da interrogação no dialeto carioca. Acreditávamos, então, conforme explicitado nas demais seções, na presença do chamado contorno continuativo  $L+H*H\%$ , neste ambiente final, devido à noção de continuidade que se dá após a enunciação do tópico - “sobrinha”. “cachorra” e “marido” em nosso corpus, respectivamente.

Entretanto, o que observamos de forma bastante produtiva foi o contorno  $LH* \text{---} H+L*LH\%$  no IP inicial, formado pelo tópico da sentença, contorno este que assim traduzimos: primeira sílaba tônica ascendente que leva o tom alto até a pré-tônica final, seguido de descida melódica última tônica e fronteira baixa -  $L\%$  - ou bitonal -  $LH\%$  - que, juntamente com a pausa ou com o alongamento silábico (a ser analisado), traduziriam a ideia de continuidade. Tais resultados vão ao encontro do que Silvestre (2018) postulou sobre o contorno “continuativo” em seu estudo para orações desgarradas, as quais, sintaticamente, são uma estratégia de foco. Com a possibilidade de o ponto de interrogação não convencional traduzir, na linguagem das redes sociais, outra estratégia sintática de foco - a de tópico/comentário, pensamos que talvez haja fundamento no olhar conjunto destes parâmetros.

## 5.3 A estratégia de foco na escrita

Conforme comentado na seção 3.1, a análise inicial dos resultados nos faz pensar que o uso da interrogação não convencional está relacionado a uma estrutura de tópico/

comentário. Dessa forma, tal emprego poderia indicar não apenas a existência de uma pergunta, mas revelar uma estratégia sintática de foco traduzida na escrita.

Os resultados obtidos, nesses dados iniciais, parecem indicar não exatamente uma pergunta convencional, mas sim uma estratégia de foco para isolar o tópico daquilo que vai ser dito posteriormente (comentário). Em contextos fora das redes sociais, essa estratégia de foco é traduzida na escrita por uma separação de vírgulas, tal como: E a minha sobrinha, que está com um problema muito importante e desabafou sobre ele. No entanto, os dados nos fazem pensar que, em uma rede em que as vírgulas são pouco utilizadas, o sinal de pontuação que traduz a estratégia de tópico/comentário seria o ponto de interrogação.

Assim sendo, acreditamos que a recente e recorrente utilização das interrogações não canônicas sinalizam que o conteúdo que é dito antes da primeira delimitação seria o tópico do assunto, e o que é reproduzido posteriormente seria o comentário sobre ele. Todavia, estudos mais específicos e detalhados acerca dessa hipótese são fundamentais para resultados precisos.

## **VI CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo teve como objetivo analisar as sentenças postadas nas redes sociais com o uso não convencional do ponto de interrogação, a fim de traduzir a prosódia de tais enunciados. Além do mais, é válido ressaltar que a linha de pesquisa do presente trabalho surgiu da reunião de estudos realizados por mim desde o ano de 2021 como parte de Iniciação Científica. Tais resultados e considerações, entretanto, necessitam ser mais estudados, com ampliação do corpus e futura análise estatística para que se chegue a conclusões robustas sobre o tema.

Ao longo de nossa análise, relacionamos nossos objetivos de pesquisa com estudos anteriores da área. Ademais, realizamos a segmentação ideal dos dados com a finalidade de compará-la com as segmentações dos informantes. Comparamos também os resultados obtidos no Praat com os demais dados, a fim de verificar segmentações pedidas, realizadas e ideais. Outro ponto sobre o qual nos debruçamos foi a presença e a duração das pausas marcadas, para assim relacionarmos a estudos, anteriormente citados, sobre a delimitação dos sintagmas entoacionais.

No que tange aos resultados, acreditamos que corroboramos com os estudos sobre a pausa como fator determinante na delimitação de IPs. Isso porque os dados apresentaram

pistas nessa linha de pesquisa. Além disso, acerca dos contornos melódicos, verificou-se a presença constante do contorno melódico LH+ \_\_\_\_H+L\*LH% que parece traduzir uma construção relativa ao uso das interrogações não convencionais. No mais, pretendemos seguir na pesquisa para que consigamos conclusões mais precisas sobre as considerações feitas a respeito de uma possível estratégia de tópico/comentário.

Assim sendo, acreditamos que este trabalho de investigação contribuiu, de forma mais geral, para o conhecimento sobre entoação do PB e para o conhecimento do fraseamento prosódico. A análise da prosódia das interrogativas não convencionais pode contribuir, efetivamente, para os conhecimentos das características prosódicas possíveis entre as diferentes sentenças interrogativas, já que visa descrever a prosódia desse fenômeno linguístico, aparentemente, bastante recorrente nas redes sociais. Ademais, buscamos com este estudo agregar dados aos estudos já existentes sobre o contorno melódico continuativo e dar um passo adiante na descrição linguística de dados não convencionais presentes nas redes sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOESMA, P.; WEENICK, D. Praat: doing phonetics by computer [programa de computador]. Versão 5.4.08. Amsterdam: Universiteit van Amsterdam; 2015. [citado 16 abr.2015].Disponível em:[www.praat.org](http://www.praat.org).

CARVALHO, T. G. Usos de vírgulas em textos do início do Ensino Fundamental II:distribuição e evidências de características prosódicas. Estudos Linguísticos, São Paulo, v.47, n. 2,p. 292-305, 2018.

CUNHA, C. S. Entoação Regional no Português do Brasil. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: FL/UFRJ, 2000.

LADD,R. Intonational phonology. Cambrige:Cambridge University Press, 2008.

MIRA MATEUS, Maria H. et al. (1989) Gramática da língua portuguesa. Lisboa:Caminho, 2003

NESPOR, M.; VOGEL, I. Prosodic Phonology: With a new foreword. Berlim/Nova York: Mouton de Gruyter, 2007.

PIERREHUMBERT, J. (1980) The phonology and phonetics of English intonation. PhD Thesis.Massachussets: M.I.T.

ROCHA LIMA, C.H. Gramática normativa da língua portuguesa. Rio de Janeiro: José Olympio,2011

SERRA, C. R. Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura. 2009. Tese - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SILVESTRE, A.P.S. “Ai, se eu te pego...”: Aspectos prosódicos de estruturas desgarradas em língua portuguesa. 1. ed. Editora da Abralín, 2021. 238p

SILVESTRE, A.P.S. Contributos do estudo sobre o desgarramento na língua falada para a descrição do fraseamento prosódico. Filologia e Linguística Portuguesa, 2018 v. 19, noesp (71-94)

SONCIN, G. C. N. As vírgulas não-convencionais em textos dissertativos produzidos em ambiente escolar: indícios de organização prosódica, evidências dos imaginários sobre a escrita.Estudos Linguísticos, São Paulo, v. 41, n. 2,p. 389-402, 2012.

SONCIN, G.; TENANI, L. Emprego de vírgula e prosódia do Português Brasileiro: aspectos teórico-analíticos e implicações didáticas. Filologia e Linguística Portuguesa, v. 17, n. 2, p.473-493, 2016

TENANI, L.E. Domínios prosódicos do português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: LEL/UNICAMP, 2002.